

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANTONIO CARLOS DOS SANTOS
DAYANE KARLLA SANTOSCALVACANTI
MATHEUS MESSIAS SOARES SANTOS

Travestilidade e Transexualidade:
da gênese à atualidade

RECIFE/2023

**ANTONIO CARLOS DOS SANTOS, DAYANE KARLLA DOS SANTOS, MATHEUS
MESSIAS SOARES SANTOS**

**Travestilidade e Transexualidade:
da gênese à atualidade**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Disciplina TCC II do Curso de Bacharelado em
Psicologia do Centro Universitário Brasileiro -
UNIBRA, como parte dos requisitos para conclusão
do curso.

Orientador(a): Dra Flávia de Maria Gomes Schuler

RECIFE

2023

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

S237t Santos, Antonio Carlos dos.
Travestilidade e transexualidade: da gênese à atualidade / Antonio Carlos dos Santos; Dayane Karlla Santos Calvacanti; Matheus Messias Soares Santos.- Recife: O Autor, 2023.
33 p.

Orientador(a): Dra. Flávia de Maria Gomes Schuler.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA. Bacharelado em Psicologia, 2023.

Inclui Referências.

1. Transexualidade. 2. Travestilidade. 3. Determinantes sociais. 4. Lgbtqiapn+. 5. Psicologia. I. Calvacanti, Dayane Karlla Santos. II. Santos, Matheus Messias Soares. III. Centro Universitário Brasileiro. - UNIBRA. IV. Título.

CDU: 159.9

RESUMO

Este artigo explora questões ligadas a pessoas trans e travestis na sociedade, no intuito de contribuir para a literatura científica sobre a psicologia dessas pessoas. Para isso, valemo-nos do uso de registros mitológicos, históricos e literários, visando contribuir na construção do conhecimento sobre suas existências, partindo desde os mais remotos registros da História, até a contemporaneidade, abordando de forma panorâmica, questões que as rodeiam em diversos âmbitos, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada das complexidades das identidades de gênero e a importância de criar ambientes mais inclusivos e acessíveis para todas as pessoas, inclusive lançando um olhar mais amplo para o tema Trans e Travestis, contemplando e integrando todos os seus aspectos sociais, biológicos e culturais que compõem sua totalidade. Tendo-se como objetivo geral estudar a gênese da historicidade da transexualidade e da travestilidade em indivíduos de diferentes culturas e contextos sociais. E como objetivos específicos: Investigar a patologização e a marginalização de pessoas trans e travestis; Discutir a exploração sexual como consequência de determinantes sociais; Descrever como a psicologia pautada em estudos sócio-históricos e filosóficos estudam a origem e a trajetória da transexualidade e travestilidade, e assim contribuem para a visibilidade deste público. Como metodologia, fez-se uso da revisão sistemática de literatura, tendo como fontes livros de diversos autores, bem como diferentes revistas e sites, como Google Acadêmico e Scielo. Utilizou-se as seguintes palavras-chave: Travestilidade; Transexualidade; Determinantes sociais; Psicologia. Os resultados encontrados como conceitos sexualidade, transexualidade, travestilidade e a relação entre a construção de identidade de gênero e o corpo, destacando as complexidades históricas e sociais enfrentadas por pessoas trans e travestis. Além disso, revela como a psicologia, baseada em abordagens sócio-históricas e filosóficas, contribui para a compreensão e visibilidade desse público, enquanto ressaltando a importância de combater a patologização e a marginalização que eles enfrentam.

Palavras-chave: Transexualidade; Travestilidade; Determinantes sociais, LGBTQIAPN+; Psicologia.

SUMMARY

This article explores issues linked to trans and transvestite people in society, with the aim of contributing to the scientific literature on the psychology of these people. To do this, we use mythological, historical and literary records, aiming to contribute to the construction of knowledge about their existence, starting from the most remote records of History, up to contemporary times, approaching in a panoramic way, issues that surround them in different ways. areas, contributing to a deeper understanding of the complexities of gender identities and the importance of creating more inclusive and accessible environments for all people, including taking a broader look at the Trans and Transvestite theme, contemplating and integrating all its social aspects , biological and cultural that make up its entirety. The general objective is to study the genesis of the historicity of transsexuality and transvestism in individuals from different cultures and social contexts. And as specific objectives: Investigate the pathologization and marginalization of trans transvestite people; Discuss sexual exploitation as a consequence of social determinants; Describe how psychology based on socio-historical and philosophical studies studies the origin and trajectory of transsexuality and transvestism, and thus contributes to the visibility of this public. As a methodology, we used a systematic literature review, using as sources books by different authors, as well as different magazines and websites, such as Google Scholar and Scielo. The following keywords were used: Transvestility; Transsexuality; Social determinants; Psychology. The results found as concepts sexuality, transsexuality, transvestism and the relationship between the construction of gender identity and the body, highlighting the historical and social complexities faced by trans and transvestite people. Furthermore, it reveals how psychology, based on socio-historical and philosophical approaches, contributes to the understanding and visibility of this public, while highlighting the importance of combating the pathologization and marginalization they face.

Keywords: Transexuality;Transvestility; Social determinants, LGBTQIAPN+; Psychology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	07
2 OBJETIVOS.....	09
2.1 Objetivo geral.....	09
2.2 Objetivos específicos.....	09
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	10
3.1 A presença das diversas expressões de gênero na história humana....	10
3.2 As relações entre Mente e Corpo: a construção da corporeidade.....	16
3.3 O corpo do indivíduo no poder disciplinar, corpo disciplina do poder.	17
3.4 Determinantes Sociais na Vida de Pessoas Trans e Travestis.....	19
3.5 Fenomenologia.....	21
3.6 Psicanálise.....	21
4 DELINEAMENTO METODOLÓGICO.....	22
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	23
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37

1 INTRODUÇÃO

Para entender sobre transexualidade e travestilidade, faz-se necessário, antes de tudo, entender sobre sexualidade, que por sua vez, trata-se de uma configuração desenvolvida desde o nascimento do ser humano. Dessa forma, a sexualidade se aprimora e refina ao longo da vida, sendo influenciada pelo enquadramento social e cultural. Nessa perspectiva, sexo e gênero são complementares, porém, não tem o mesmo significado. Sexo refere-se às diferenças biológicas entre macho e fêmea, como órgãos sexuais e cromossomos (por exemplo, XY para homens e XX para mulheres), já a palavra gênero foi originada do latim: *genus* que significa fazer nascer, família entre outros significados.

Em termos gramaticais, o gênero é dividido em três dimensões: o masculino, feminino e o neutro (STELLMANN, 2007). O gênero de uma pessoa é definido como constitutivo de uma cultura na qual o sujeito está inserido e que dissociam e desafiam as normas preestabelecidas da sociedade. “Gênero é o conjunto de normas através das quais o corpo sexuado se torna um corpo culturalmente inteligível” (BUTLER, 2017, p. 105).

A transexualidade/travestilidade são a metamorfose que escapa dos padrões determinados pelo construto social binarista macho/fêmea. Travesti é uma pessoa que se identifica com um gênero diferente daquele que lhe foi atribuído ao nascer, e que expressa sua identidade de gênero por meio de roupas, maquiagem, comportamentos e outras formas de expressão. É importante ressaltar que ser travesti não é se reconhecer enquanto homem ou mulher, mas como um terceiro gênero. A identidade de gênero de uma pessoa travesti não é determinada pela aparência física, orientação sexual ou qualquer outra característica externa (MONTE, 2020).

Transexual é alguém cuja identidade de gênero não corresponde ao sexo que lhe foi atribuído no nascimento. Em outras palavras, uma pessoa transexual pode nascer com características sexuais de um determinado sexo, mas sua identidade de gênero é diferente. Por exemplo, alguém designado como do sexo masculino ao nascer pode se identificar como mulher, e vice-versa. (MONTE, 2020). Desse modo, a transgeneralidade é entendida como uma expressão identitária de gênero subjetiva, que vai além da corporeidade, é uma expressão civil, política e também social. De acordo com Butler (2019) no livro: *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo*, uma das principais teóricas do feminismo

contemporâneo e dos estudos de gênero, discute a relação entre o sexo biológico e o gênero como construções discursivas. Em um dos capítulos, intitulado "Imitação e gênero insubordinado", ela aborda a travestilidade como uma forma de subversão das normas de gênero, que são impostas socialmente e limitam a expressão da identidade de pessoas que não se encaixam em padrões binários. Butler argumenta que a travestilidade é uma prática performativa que desestabiliza as categorias normativas de masculinidade e feminilidade e questiona a ideia de que o sexo biológico determina o gênero de uma pessoa (BUTLER, 2019).

Embora a travestilidade seja frequentemente associada à comunidade LGBTQIAPN+ e à identidade de gênero, nem todas as pessoas que se apresentam como travestis se identificam como transgênero. Algumas pessoas praticam a travestilidade como uma forma de entretenimento ou expressão artística, sem necessariamente questionar ou desafiar sua identidade de gênero (JESUS, 2012).

A transexualidade e a travestilidade são temas que envolvem uma série de questões complexas para a psicologia. A compreensão e o tratamento adequado dessas identidades de gênero envolvem a consideração de diversos fatores, como o papel da biologia, da cultura e do ambiente social na formação da identidade de gênero. Ambos os temas apresentam desafios para a psicologia, uma vez que a compreensão da identidade de gênero e do processo de transição envolve uma complexa interação entre fatores biológicos, psicológicos, sociais e culturais.

Para ampliar o estudo dessa temática na área da psicologia, o presente trabalho foi desenvolvido. Para isso, buscou-se apresentar um olhar amplo sobre o trajeto histórico das pessoas trans e travestis desde a antiguidade em diversas culturas e contextos até o momento presente. Dessa forma, espera-se desenvolver junto ao leitor, um melhor entendimento sobre essa temática, contribuindo para a literatura científica e com quem manifeste interesse sobre o tema.

Além disso, este artigo visa ajudar a aumentar a conscientização sobre as questões enfrentadas por pessoas trans e travestis na sociedade, incluindo estigma, discriminação e falta de acesso aos cuidados à saúde adequada e, com isso, contribuir para a literatura científica adicionando conhecimento científico à literatura existente sobre a psicologia das pessoas trans e travestis.

As contribuições dos diversos teóricos aqui apresentados, somado a uma extensa leitura sobre a temática, faz emergir grandes questionamentos que pretendemos ao longo do trabalho responder tais como: A transexualidade é uma

escolha livre e consciente do sujeito tal como sugere grande parcela da sociedade? É possível reprimir essa tendência sem nenhum tipo de seqüela psicológica ou existencial? “Qual impacto a cultura e a sociedade causa na construção do eu de crianças tidas diferentes da norma?”; “Quais as oportunidades que pessoas LGBTQIAPN+ estão tendo dentro da sociedade?” Qual o papel da psicologia no que diz respeito à temática de gênero?.

Uma vez apresentado de forma introdutória e panorâmica ao leitor os conceitos básicos necessários para o entendimento do tema, discutiremos a seguir, a trajetória desse grupo através do conhecimento dos registros de documentos, mitos e literatura disponíveis oriundos de distintas culturas e épocas, incluindo a antiguidade grega de onde também se tem registro de conceitos filosóficos, os quais já tratavam desse tema, ainda que de forma indireta, como o helomorfismo aristotélico.

Dessa maneira, a presente pesquisa tem como objetivo geral: estudar a gênese da historicidade da transexualidade e da travestilidade em indivíduos de diferentes culturas e contextos sociais. Como objetivos específicos, busca-se investigar a patologização e a marginalização de pessoas trans; discutir a exploração sexual como consequência de determinantes sociais; Descrever como a psicologia pautada em estudos sócio-históricos e filosóficos estudam a origem e a trajetória da transexualidade e travestilidade, e assim contribuem para a visibilidade deste público. Como metodologia, fez-se uso de pesquisas bibliográficas de revisão sistemática de literatura, tendo como fontes livros de diversos autores, tal como também diferentes revistas e sites como google acadêmico, scielo, entre outros.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

- Estudar a gênese da historicidade da transexualidade e da travestilidade em indivíduos de diferentes culturas e contextos sociais.

2.2 Objetivos específicos

- Investigar a patologização e a marginalização de pessoas trans e travestis;

- Discutir a exploração sexual como consequência de determinantes sociais;
- Descrever como a psicologia pautada em estudos sócio-históricos e filosóficos estudam a origem e a trajetória da transexualidade e travestilidade, e assim contribuem para a visibilidade deste público.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

História de pessoas trans e travestis na antiguidade é complexa e muitas vezes difícil de discernir, devido à falta de documentação e também em interesse da própria sociedade em buscar a verdadeira epistemologia. Para que possamos adentrar na discussão do presente trabalho, é necessário que possamos destacar aqui a questão do epistemicídio trans. Garighan (2021, n.p) define epistemicídio da seguinte forma:

Epistemicídio é um termo criado pelo sociólogo e estudioso das epistemologias do Sul Global, Boaventura de Sousa Santos, para explicar o processo de invisibilização e ocultação das contribuições culturais e sociais não assimiladas pelo 'saber' ocidental. Esse processo é fruto de uma estrutura social fundada no colonialismo europeu e no contexto de dominação imperialista da Europa sobre esses povos.

Diante desse significado sobre epistemicídio, observa-se que ao decorrer dos séculos houve e ocorre cotidianamente um silenciamento e invisibilidade referente às pessoas trans e travestis na sociedade (GARIGHAN,2021).

A prática da travestilidade tem uma longa história, com exemplos que remontam à antiguidade, e ainda é comum em muitas culturas ao redor do mundo. Embora ainda haja estigmas associados à travestilidade, a prática tem sido cada vez mais reconhecida como uma forma legítima de expressão artística e de identidade de gênero e muitas comunidades de travestis têm surgido para fornecer apoio e visibilidade (OLIVEIRA, 2019).

3.1 A presença das diversas expressões de gênero na história humana

Com os estudos comparativos do contexto histórico com a atualidade, percebe-se o aumentativo sobre a temática acerca das discussões de gênero, sexualidade e suas diversas formas de existência. No entanto, ao abordar o tema, reconhece-se o quanto as expressões de gênero mudaram ao longo do tempo. A revisão bibliográfica nos oferece um vislumbre de como era visto e interpretado a diversidade de expressões de gênero na antiguidade. Vejamos alguns exemplos de

mitos antigos que podem ser interpretados como ilustrações de identidades transgênero (OLIVEIRA, 2019).

Na peça de Aristófanes (JONEZ & RYAN, 2006) "Assembleia das Mulheres", há um personagem transgênero chamado *Sintenis*, que se veste e se comporta como uma mulher. Havendo muito material como textos literários e filosóficos, por exemplo, obras como "A República", de Platão, e "As Metamorfoses", de Ovídio, têm personagens que desafiam as normas de gênero da época:

- Na arte visual, por exemplo, há representações de deuses e deusas com características e comportamentos que desafiam as normas de gênero, bem como retratos de figuras históricas que podem sugerir como elas se apresentavam (OLIVEIRA, 2019);
- Povos de matriz africana também expressavam sua sexualidade e gênero de forma fluida, em que mães ocupavam o papel da figura masculina, intermediando entre os papéis atribuído ao macho e à fêmea, que não impediam de constituir e criar suas famílias. Essa forma de papéis que transitavam entre masculino e feminino se apoiava nos mitos dos povos dongons, que acreditavam que a corporeidade de uma pessoa era constituída desses dois sexos e dos dois gêneros e isso os tornavam um corpo perfeito (OLIVEIRA, 2019);
- Restos arqueológicos: como túmulos e outros locais de sepultamento podem fornecer algumas informações sobre as práticas funerárias e as identidades de gênero das pessoas da época. Por exemplo, alguns túmulos romanos incluem inscrições que indicam que a pessoa enterrada era um "eunuco", o que sugere que a identidade de gênero não era necessariamente binária na época (OLIVEIRA, 2019);
- Mitos antigos como na Mitologia Grega, o deus Hermes, também conhecido como Mercúrio na mitologia romana, é conhecido por ser um deus transgênero, tendo sido originalmente uma deusa chamada *Hermafrodite*, que foi posteriormente transformada em um deus masculino (HAMILTON, 2022);
- Conforme Jones e Ryan (2006), a mitologia hindu, a deusa *Ardhanarishvara* é uma figura que representa uma união de Shiva e *Shakti*, uma forma andrógina, metade homem e metade mulher; Em algumas tribos nativas americanas, indivíduos conhecidos como "dois-espíritos" eram respeitados como figuras sagradas e desempenhavam papéis importantes na sociedade;

- Em algumas culturas polinésias, indivíduos conhecidos como "fa'afafine" são reconhecidos como tendo uma identidade de gênero não conformista. Eles são tratados como um terceiro gênero (LUNDQUIST, 2004);
- Na Roma antiga, havia o conceito de "*galli*", homens castrados que se vestiam e agiam como mulheres e eram reverenciados como sacerdotes da deusa Cibele. Também existiam os "eunucos", homens que eram castrados para servir em funções de poder e autoridade. Outro exemplo interessante de ser mencionado sobre a sociedade romana, onde diversos imperadores se transvestiam e tinham costumes típicos de mulheres, como Heliogábalo, que reinou no século III D.C. Há narrativas antigas que retratam até mesmo formas rudimentares de mudança de sexo, por exemplo, a do próprio imperador Heliogábalo, que segundo ofertou metade do seu Império ao médico que conseguisse a tal façanha de fazê-lo mudar de sexo (FAGUNDES, 2020).

As expressões de gênero e sexualidade na antiguidade variavam bastante de cultura para cultura e de período para período. Alguns povos antigos, como os gregos e romanos, possuíam concepções complexas de gênero e sexualidade que não se encaixavam facilmente nos modelos binários modernos. É relevante salientar que nas sociedades antigas, o sexo e o gênero não estavam associados às questões morais como hoje em dia, mas sociais. A única exigência relacionada aos relacionamentos homoafetivos era que um nobre jamais poderia ter o papel passivo dentro da relação (ZERBINATI, 2017).

Esses exemplos ilustram que a temática aqui abordada vai muito além das temáticas do sexo ou sexualidade propriamente ditas. Ao revisar a literatura, fica nítido que a melhor forma justificadamente relevante de se entender como as sociedades se organizavam é a releitura de seus costumes através dos seus respectivos mitos. Vale ressaltar que na antiguidade, os modos de vida eram expressos através de mitos. Dessa forma, pôde-se verificar que a ideia de sexo fluido é datada muito antes de Cristo.

A visão sobre a sexualidade foi alterada somente após o advento do cristianismo, levando a sexualidade ao significado de nível moral e ganhando o conceito de pecado. Após a disseminação do cristianismo, passou-se a ensinar regras inflexíveis extremamente rígidas sobre como a sociedade deveria conduzir sua sexualidade e os seus desejos, o que subvertesse à regra passou a ser visto como obra demoníaca. Foi na Revolução Francesa, com o movimento científico,

que a sexualidade e o gênero ganharam uma conotação adicional. A ciência necessitava categorizar, definir e curar os corpos humanos, e o que era visto sobre a ótica de pecado, passou a ser visto como uma patologia (ZERBINATI, 2017). Nesse sentido:

Os resultados dos esforços da medicina e das ciências de um modo geral, interessados em descobrir as verdades fundamentais dos corpos humanos, tiveram a necessidade de criar definições para as práticas sexuais e identidades sexuais. Produzindo rótulos e demarcando o território entre o normal e o anormal, definindo, na sexualidade, perversões sexuais como problemas de patologia individual (PORCHAT, 2014 apud ZERBINATI, 2017, 26).

Foi nos meados do século XX que a palavra transexualismo apareceu pela primeira vez na literatura, foi apresentado em um caso clínico do sexólogo Cauldwell (ZERBINATI, 2017). Após alguns anos, houve uma virada de chave extraordinária na história da medicina, transformando a vida da dinamarquesa Lili Elbe, que foi a primeira pessoa registrada cientificamente a fazer a cirurgia de redesignação de gênero, sobre a inspeção do médico alemão Magnus Hirschfeld, também responsável pela primeira assembleia em defesa aos homossexuais e transexuais (URZAIZ, 2016).

Na década de 80, a palavra transexualismo reapareceu na literatura, dessa vez entrando no manual diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-III), levando as expressões de gênero a uma acepção literal de transtorno de identidade. Em 2013, American Psychiatric Association (APA) chegou a conclusão de que as expressões de gênero não se tratavam de um transtorno de identidade, mas dizia respeito a uma condição aguda de sofrimento e carecia de acompanhamento médico ao longo da vida. No contexto atual, existe uma ampla construção discursiva e interdisciplinar acerca do tópico LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual e + = outras formas de identidade de gênero). Desse modo, novos olhares estão sendo construídos acerca das diversas facetas do ser humano (MOTEIRO, et al., 2018).

É de extrema relevância pontuar que o movimento LGBTQIAPN+ é um deslocamento político e social, é através dele que essa parcela da população marginalizada ganhou voz e representatividade em meio à sociedade. Apesar da diversidade de movimentos, são organizados quanto ao seu eixo com ajuda de

diversos agentes não-governamentais e ativistas políticos, otimizado às inúmeras lutas contra o ódio e o preconceito voltados a essa parcela da população (MOTEIRO *et al*, 2018).

Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C. filósofo grego antigo, considerado um dos pensadores mais importantes da história da filosofia ocidental onde suas obras tiveram grande influência em muitos campos do conhecimento, como a filosofia, a política, a ética, a física, a biologia, a lógica, a retórica e a metafísica). Aristóteles acreditava que matéria e forma são inseparáveis e que juntas constituem a essência de um objeto. Jugava-se que a busca pelo conhecimento era fundamental para entender a natureza e o propósito do ser humano. Em sua obra, ele defendia que a realidade deveria ser compreendida a partir das finalidades do ser, ou seja, a partir dos objetivos e propósitos que o ser humano busca alcançar. Propôs a teoria do hilemorfismo, que afirma que todas as coisas físicas são compostas por duas substâncias, a matéria (*hyle*) e a forma (*morfé*). Em termos de transexualidade e travestilidade, podemos pensar na matéria como o corpo biológico, com todas as suas características sexuais primárias e secundárias e a forma como a identidade de gênero. Para Aristóteles, a forma é a essência da coisa, portanto, para uma pessoa trans ou travesti, sua essência de gênero (forma) é diferente daquela atribuída a elas pelo seu corpo biológico (matéria) (SILVA,2015).

O Paralelismo corpo-mente em Baruch Espinosa (1632-1677), filósofo holandês considerado um dos pensadores mais importantes do século XVII e um dos filósofos mais influentes na história da filosofia, especialmente no que se refere à tradição racionalista. Ele é conhecido por suas ideias sobre metafísica, ética, política, epistemologia e teologia, e sua obra tem sido objeto de estudo e debate desde que foi publicada pela primeira vez no século XVII. Seu método consiste em uma investigação racional e sistemática da natureza e da realidade, baseada na razão e na experiência e livre de preconceitos e dogmas. Isso torna suas ideias mais acessíveis e coerentes do que as de muitos outros filósofos da época). Este por sua vez, propôs o paralelismo corpo-mente, que sugere que o corpo e a mente são duas expressões diferentes da mesma substância, e que ambos agem em conjunto para determinar nossos pensamentos e ações. Isso significa que a identidade de gênero de uma pessoa trans ou travesti está diretamente ligada ao seu corpo e à sua mente, e que ambos influenciam sua experiência de gênero. Dessa forma, corpo e mente são aspectos diferentes da mesma substância, que se relacionam de forma

complementar. Para Espinosa, o corpo é uma manifestação da substância em sua dimensão espacial, enquanto a mente é uma manifestação da substância em sua dimensão mental. Assim, todas as ações do corpo têm uma correspondência na mente e vice-versa. Espinosa também afirmava que não há uma hierarquia entre corpo e mente, ou seja, não é possível dizer que um é superior ao outro. Ambos são igualmente importantes e necessários para a existência humana. A mente não pode existir sem o corpo e vice-versa, pois ambos são partes indissociáveis da mesma realidade (SPINOZA, 2009). "O que o corpo pode fazer e não pode fazer, e o que ele sofre, depende da alma; e o que a alma pode fazer e não pode fazer, e o que ela sofre, depende do corpo." (SPINOZA, 2009,n.p).

Já Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) filósofo e fenomenólogo francês, que fez contribuições significativas para uma ampla gama de campos, incluindo filosofia da mente, ontologia, estética, psicologia e linguística). Enfatizou a natureza corporificada da existência e percepção humana. Ele argumentou que a percepção não é simplesmente uma recepção passiva de informações do mundo exterior, mas um envolvimento ativo e corporificado com nosso ambiente. Ele também enfatizou a importância do corpo em nossa compreensão de nós mesmos e do mundo, argumentando que nossas experiências corporais e interações com o mundo são fundamentais para nosso senso de identidade.

Criou o conceito de "o corpo próprio", que se refere à nossa experiência imediata e subjetiva do nosso próprio corpo. Ponty argumentou que o corpo é o meio pelo qual interagimos com o mundo e construímos nossa identidade. Para uma pessoa trans ou travesti, seu corpo próprio pode não corresponder à sua identidade de gênero, o que pode causar desconforto e conflito entre sua experiência subjetiva de gênero e a forma como são percebidos pelos outros (PONTY, 2012).

A corporalidade é a maneira pela qual eu tenho meu lugar no mundo: a maneira pela qual eu existo como um ser inserido num contexto. É através do meu corpo que eu me aproximo das coisas e do mundo, e é por meio dele que eu tenho uma compreensão pré-reflexiva do mundo ao meu redor. Meu corpo não é apenas um objeto no mundo, mas é a própria condição de minha existência no mundo (PONTY, 2012, p.180).

Em resumo, os conceitos de *Hilemorfismo*, de Aristóteles, Paralelismo corporeamente, de Spinoza, e o Corpo Próprio, de Merleau-Ponty, podem ajudar a entender como a construção da transexualidade e travestilidade se relaciona com a identidade de gênero, o corpo biológico e a experiência subjetiva do indivíduo. Além disso, é

importante reconhecer a importância da experiência corporal na formação da nossa identidade e na expressão das nossas emoções. A modificação do corpo, seja por meio de experiências traumáticas, seja por meio de intervenções médicas ou estéticas, pode afetar profundamente a nossa autoimagem e a nossa relação com o mundo (PONTY, 2012).

Segundo a psicanálise, em alguns casos, as transformações corporais excessivas podem ser entendidas como uma forma de defesa psíquica, que visariam afastar ou negar os conteúdos inconscientes que causam sofrimento ou angústia. Nesse sentido, o corpo seria o lugar onde se manifestam os conflitos psíquicos, e a modificação desse corpo seriam então uma tentativa de modificar a realidade psíquica.

A transformação corporal excessiva pode ser vista como uma tentativa de resolver conflitos internos através da manipulação do próprio corpo. No entanto, essa estratégia muitas vezes falha em trazer alívio duradouro e pode resultar em transtornos psicológicos mais graves, como transtornos alimentares, transtornos dismórficos corporais e depressão (FREUD, 1920, p. 45).

A relação entre corpo e mente é complexa e multifacetada. Embora a modificação no corpo possa ter impacto na alma, não podemos reduzir a experiência humana a uma simples interação entre estímulos corporais e reações mentais. A mente é capaz de criar significados e símbolos que transcendem o corpo e que nos permitem compreender o mundo de maneiras mais amplas e profundas.

3.2 As relações entre Mente e Corpo: a construção da corporeidade

A afirmação de que a mente é uma ideia do corpo, pode ser interpretada de diferentes maneiras. Uma interpretação possível é que a mente é um produto emergente das atividades do cérebro e do corpo em conjunto. Nesse sentido, não é possível separar a mente do corpo, pois a mente é uma propriedade do corpo. Por outro lado, algumas tradições filosóficas e religiosas consideram a possibilidade de existência de uma alma incorpórea ou imaterial, que transcende o corpo físico.

Segundo Marx (1845 p. 25), "não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é o seu ser social que determina a sua consciência". De qualquer maneira, é correto afirmar que nossos pensamentos são influenciados pelos corpos que nos afetam. Nossa percepção do mundo e das outras pessoas é mediada pelos nossos sentidos e pelos nossos processos cognitivos, que por sua vez são influenciados por fatores biológicos, culturais, psicológicos e sociais.

3.3 O corpo do indivíduo no poder disciplinar, corpo disciplina do poder

No século XX, o pensamento filosófico sobre o corpo recebeu as contribuições de Michel Foucault (1926-1984) em sua obra *O Corpo Disciplinado*. Este autor aborda a relação entre corpo e poder, enfocando como as práticas disciplinares exercidas pela sociedade moldam os corpos e os tornam dóceis e úteis aos interesses do poder. Conforme Foucault,

O corpo é objeto e instrumento do poder, que se inscreve nele, o marca, o modela, o adormece ou o desperta, o torna submisso ou o liberta. Ao mesmo tempo, o poder age sobre o corpo individual e coletivo, sobre a multiplicidade de corpos sociais, sobre os corpos que são dados como naturais, sobre aqueles que são construídos pelo costume, pela moda, pela educação, pela disciplina. (FOUCAULT, 1984. p. 151).

Foucault argumenta que o poder não é algo que uma pessoa ou grupo possui, mas sim uma rede de relações e práticas que atravessa e permeia todas as esferas da vida social. Essas práticas disciplinares são utilizadas para controlar e normalizar os corpos, a fim de torná-los produtivos e ajustados às demandas da sociedade. O autor aborda as formas como a disciplina é exercida em diversas instituições sociais, como escolas, prisões e hospitais, e como ela molda e controla os corpos dos indivíduos que passam por essas instituições.

Ele também enfoca a importância do controle dos corpos na construção da identidade individual e coletiva e como as normas e valores sociais são internalizados pelos indivíduos por meio de práticas disciplinares. No geral, a obra de Foucault oferece uma visão crítica e provocativa sobre a relação entre corpo, poder e disciplina na sociedade contemporânea, destacando a importância de uma reflexão crítica sobre as práticas e instituições sociais que moldam e controlam nossos corpos.

Em vista disso, o gênero de uma pessoa é compreendido como polos que se subdividem e estabelecem por meio do social e das diferenças entre os sexos. A divisão entre os sexos está imersa como um grande sistema requintado de relações de poder presentes em toda esfera social. Compreender as relações de gênero e seus esquemas de classificações é entender que a sociedade está estabelecida em hierarquizações, sendo o polo masculino superior e hipervalorizado, e que por sua vez, molda a percepção e os comportamentos em meio à sociedade. A posição de subordinação das diferentes sexualidades é resultado da categorização e do poder que os homens estabeleceram historicamente (ANJOS, 2000).

O contraste entre a sexualidade e o poder é uma dimensão extremamente relevante para se entender e explorar as relações humanas cientificamente.

A sexualidade aqui não só é entendida como algo natural, mas, sobretudo, adaptadas às normas e aos valores sociais, que estão influenciando como a sexualidade é vivida e de como ela é expressa e percebida pelos outros. Diante dessa categorização que afeta a percepção das sexualidades, o social passou a determinar o que fosse “normal” ou “aceitável” em relação ao comportamento sexual, bem como a forma que as pessoas são valorizadas, estimadas, respeitadas ou não baseadas na sua orientação sexual (ANJOS, 2000).

Embora Foucault não tenha se concentrado especificamente na transexualidade e travestilidade em suas obras, algumas ideias de sua teoria podem ser aplicadas à compreensão da experiência trans e travesti. Por exemplo, a teoria de Foucault destaca a importância do discurso na construção da realidade social e como as normas e os valores sociais são construídos e mantidos através do discurso. Isso pode ser aplicado à transexualidade e travestilidade, já que as normas e os valores sociais que regem a identidade de gênero podem ser limitantes para as pessoas trans e travestis que desejam expressar sua identidade de gênero de forma diferente daquela que é considerada socialmente aceitável. (MEDEIROS, 2010).

Além disso, a teoria de Foucault enfatiza a importância da agência (Foucault usa o conceito de agência para se referir à capacidade dos indivíduos de agir de maneira autônoma em relação ao poder) e da resistência (capacidade dos indivíduos de se opor ativamente ao poder) em relação às normas e valores sociais. Isso pode ser aplicado às pessoas trans e travestis, que muitas vezes enfrentam obstáculos significativos para a realização de sua identidade de gênero, mas ainda encontram maneiras de resistir e se afirmar (MEDEIROS, 2010).

A agência só é agência no interior de um campo e só existe como tal na medida em que é apropriado e reconhecido pelos agentes que têm o capital - ou seja, as disposições e atributos sociais - necessários para exercê-la eficazmente (BOURDIEU, 1996, p. 166).

Em resumo, embora a obra *Corpo e disciplina do poder*, de Foucault, não tenha sido escrita com o objetivo específico de explorar a transexualidade e travestilidade, algumas ideias de sua teoria podem ser aplicadas para entender melhor a experiência das pessoas trans e travestis em relação ao poder e ao corpo (MEDEIROS, 2010).

3.4 Determinantes Sociais na Vida de Pessoas Trans e Travesti

De maneira resumida, podemos dizer que os determinantes sociais da vida de uma pessoa transexual e Travesti são influenciados por uma ampla variedade de fatores que afetam sua saúde mental e física, bem-estar e qualidade de vida. Esses fatos denunciam a importância de reconhecer esses e todos os demais desafios enfrentados por esse grupo para criar ambientes mais inclusivos e acessíveis para pessoas transexuais e travestis. O conjunto de determinantes sociais da vida de uma pessoa transexual e Travesti são numerosos, complexos e diversos, podendo incluir preconceito e discriminação, pois a transexualidade e Travestilidade ainda é estigmatizada e mal compreendida em muitas partes do mundo, o que pode levar à discriminação e exclusão social das pessoas transexuais e travestis. Podendo afetar a sua capacidade de encontrar emprego, moradia, cuidados médicos adequados e acesso aos serviços públicos.

Há uma gama de fatores que podem levar uma pessoa transexual e travesti a buscar a prostituição como modo de vida, podendo variar de indivíduo para indivíduo. No entanto, há algumas questões que podem ser consideradas como fatores de risco para a exploração sexual entre pessoas transexuais e travestis:

- Discriminação e preconceito: pessoas transexuais e travesti frequentemente enfrentam discriminação e preconceito em suas vidas cotidianas. Isso pode incluir dificuldades para conseguir emprego, moradia e até mesmo acesso aos cuidados de saúde adequados. A falta de oportunidades de trabalho e de meios de subsistência podem levar algumas pessoas transexuais e travestis a recorrerem à prostituição como uma forma de sobrevivência (DICKY,2017);
- Isolamento social: muitas vezes, pessoas transexuais e travestis enfrentam o isolamento social e a falta de apoio de suas famílias e amigos. Isso pode tornar mais difícil para elas encontrar outras formas de apoio financeiro e emocional (DICKY,2017);

- Problemas de saúde mental: muitas pessoas transexuais e travestis enfrentam problemas de saúde mental, como ansiedade, depressão e transtornos relacionados ao estresse pós-traumático. Esses problemas podem ser agravados por experiências de discriminação e isolamento social, o que pode levar algumas pessoas transexuais e travestis a recorrerem à prostituição como uma forma de lidar com suas emoções. De acordo com Dickey (2017) o autor conclui que pessoas transgênero têm maiores taxas de depressão, ansiedade e ideação suicida do que a população em geral.
- Acesso limitado a tratamentos de transição de gênero: algumas pessoas transexuais e travestis enfrentam obstáculos no acesso a tratamentos de transição de gênero, como terapias hormonais ou cirurgias de redesignação sexual. Essa falta de acesso pode levar algumas pessoas transexuais a recorrerem à prostituição como uma forma de financiar esses tratamentos (DICKEY, 2017).

Dessa forma, o entendimento das categorizações de gênero e a ascendência sexual são fundamentais para entender as relações de poder, promovendo igualdade e justiça social. O estigma social é a soma de todos os atributos que são associados a uma identidade social, que podem vir a desacreditar e depreciar um indivíduo em suas interações com meio. No caso da transexualidade e travestilidade, a prática sexual é comumente vista como imoral e subvertida que leva a frequentes exclusões e marginalizações. Contudo, a marginalização sofrida por essa parcela da população leva a uma manipulação de informações que o social tem sobre a transexualidade, travestilidade e homossexualidade, pelo fato delas não serem vistas no contexto comum, a não ser em situações de extrema intimidade, e isso leva à experiência de vergonha e ocultação da sexualidade (ANJOS, 2000).

Esse descrédito e camuflagem são indicativos da dominância simbólica que o grupo LGBTQIAPN+ sofre dentro da sociedade, onde apenas os hábitos que pertencem à norma vigente são considerados aceitos e valorizados. Portanto, a estigmatização e a invisibilidade são pontos nodais na sociedade que exemplificam como as normas sociais podem e são usadas para exercer poder e controle social, levando às diversas patologias. (ANJOS, 2000).

3.5 Fenomenologia

A fenomenologia é uma corrente filosófica que busca compreender a essência das coisas a partir da experiência vivida pelos indivíduos. No caso das pessoas travestis e trans, a fenomenologia pode nos ajudar a compreender como é a experiência própria da identidade e do corpo em relação ao mundo ao seu redor. A fenomenologia pode ajudar a compreender como a ambiguidade de seu corpo é experienciada. A pessoa pode se sentir confusa sobre seu gênero e pode enfrentar dificuldades em ser compreendida e aceita pelos outros. A fenomenologia pode ajudar a compreender como essas experiências afetam a forma como o sujeito se relaciona consigo mesmo e com o mundo (DAVI;BRUNS,2017).

No caso de uma pessoa trans, a fenomenologia pode nos ajudar a entender como o indivíduo experiencia sua identidade de gênero. O sujeito pode se sentir desconexo entre seu corpo e sua identidade de gênero e pode enfrentar dificuldades em ser compreendido e aceito pelos outros. A fenomenologia pode ajudar a compreender como essas experiências afetam a forma como o ser se relaciona consigo mesmo e com o mundo (DAVI;BRUNS,2017)..

Merleau-Ponty (2011) em sua obra, Fenomenologia da percepção, destaca a importância da experiência corporal na formação de nossa compreensão e relação com o mundo. Para ele, o corpo não é apenas um objeto físico, mas um meio através do qual experimentamos e compreendemos o mundo ao nosso redor. "O corpo é nossa maneira de estar no mundo: ele é o meio pelo qual temos um mundo" (Merleau-Ponty, 2011, p. 81). A percepção, portanto, não é uma atividade puramente mental, mas uma atividade que envolve o corpo inteiro em sua interação com o ambiente.

3.6 Psicanálise

Na psicanálise, a identidade de gênero é vista como algo que se desenvolve ao longo do tempo, influenciada tanto pela biologia quanto pelo ambiente social e cultural. A identidade de gênero pode ser influenciada por fatores como experiências de socialização, relações com os pais e traumas na infância. A ambiguidade sexual pode levar a desafios na construção da identidade de gênero, e a psicanálise pode ajudar a entender como esses desafios podem afetar o desenvolvimento psicológico. Por exemplo, pessoas intersexo podem experimentar angústia e confusão em

relação à sua identidade de gênero, especialmente se as expectativas sociais e culturais sobre o que significa ser "menino" ou "menina" não se aplicam a elas, pois "a transformação do corpo ocorre a partir da constituição psíquica do indivíduo" (FREUD, 1920, p. 45).

Já as pessoas trans e travestis, muitas vezes, enfrentam discriminação e preconceito na sociedade em geral, o que pode levar a uma série de desafios emocionais e psicológicos. Na psicanálise, pode-se explorar como a identidade de gênero é construída e como os traumas e conflitos emocionais podem afetar a percepção da identidade de gênero. Por exemplo, uma pessoa trans pode enfrentar a pressão de se conformar às expectativas sociais de gênero, enquanto também tenta compreender e aceitar sua própria identidade.

4 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

O objetivo desse artigo é fornecer um guia para auxiliar os pesquisadores a compreender melhor o vasto universo do tema aqui abordado e escolher aqueles que mais se adequam a sua pesquisa, tendo como finalidade favorecer uma visão ampla do problema em questão e promover um estudo metodologicamente robusto na área de psicologia.

A revisão de literatura é o processo de busca do referencial teórico produzido em torno de um problema de pesquisa, apontando resultados que possam ser replicados ou evitados e lacunas que podem estimular a produção de novas pesquisas. Para tanto, exige critérios explícitos de inclusão e exclusão, considerando que nem todos os estudos publicados possuem o mesmo rigor metodológico (BARBOSA et al., 2021, p.6).

Almeja-se com este estudo a contribuição para a qualidade e o avanço da pesquisa nessa área (MARIN et al., 2021). Como metodologia fez-se uso da revisão sistemática de literatura, tendo como fontes livros de diversos autores, tal como também diferentes revistas e sites como google acadêmico, scielo. Utilizamos as seguintes palavras-chave: Transexualidade; Travestilidade; Determinantes sociais, LGBTQIAPN+; Psicologia.

Para a produção deste trabalho foram pesquisados diversos livros e artigos da área de psicologia, história, sociologia, filosofia, existencialismo e psicanálise com obras disponíveis para o domínio público e outras obras protegidas, totalizando 200 artigos e livros, dos quais foram excluídos 180, por não atender de forma concisa os critérios de inclusão estabelecidos previamente.

As diversas datas das publicações dos materiais aqui utilizados têm grande variação, partindo da antiguidade por volta do século IV a.C com Aristóteles, passando por Spinoza 1677; Merleau Ponty, em 1945; Freud, em 1900, dentre outros autores, cujas obras republicadas em versões atualizadas que vão de 1984 até 2022.

Os artigos e livros não utilizados foram realocados para a exclusão por não atender aos critérios demandados no trabalho, estando esses afastados da proposta de pesquisa por conter documentos duplos ou duplicados, em línguas estrangeiras e temas que não se encaixavam na proposta aqui construída. Sendo a quantidade de 25 (vinte cinco) artigos e 19 (dezenove) livros por serem suficientes para dar respaldo teórico e de amostragem de evidências aos tópicos aqui apresentados.

5 RESULTADOS

Destacam-se na tabela abaixo os autores que mais citamos para construção da presente pesquisa. Foram utilizados 17 estudos entre livros, artigos e tese e dissertação. Na tabela foram citados de 17 estudos, apresentando assim uma breve descrição do material utilizado na presente pesquisa e o quanto cada um deles tem uma grande relevância na temática aqui proposta.

Autor (ano)	Tipo de produção	Título	Contribuição para o TCC
BUTLER, J.1990	Livro	Gender trouble: feminism and the subversion of identity	Trouxe para discussão as normas binárias de gênero enquanto divisão rígida.

FACCHINI, R. 2009	Livro	O que é transexualidade	Através dessa obra, tivemos acesso as concepções patologizantes da medicina sobre a transexualidade nas décadas anteriores a 1960
FOUCAULT, M. 1976	Livro	O CORPO DISCIPLINADO IN: MICROFÍSICA DO PODER.	Suas concepções sobre como as práticas disciplinares exercidas pela sociedade moldam os corpos e os tornam dóceis.
WOODS, G	Artigo	História da sexualidade	Forneceu conhecimento sobre os primeiros movimentos em defesa dos homossexuais, trans e travestis pelo médico alemão Magnus Hirschfeld (1838-1935)
Ministério da Saúde. 2015	Artigo	Caderno de Diretrizes para a Atenção Integral a Pessoas Trans e com Variações de Gênero no Sistema Único de Saúde (SUS).	Material que proporciona o acompanhamento de parte das dinâmicas de ascensão e declínio das aquisições de direitos.
PONTY, M. 2018	Livro	FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO	Suas percepções sobre a importância das experiências do corpo em interação com o mundo para o senso e construção da identidade do sujeito.

FREUD, S. 1905	Livro	Três ensaios sobre a teoria da sexualidade	Esclarecendo como a identidade de gênero se desenvolve ao longo do tempo influenciada pela biologia e pelo ambiente social e cultural, relação com os pais e traumas na infância, tendo a transformação do corpo um elo direto com a constituição psíquica.
STF	Artigo	STF decide que homofobia e transfobia são crimes	Dentro das conquistas alcançadas pela população LGBTQAPIN+, a criminalização da homofobia é de suma importância nesse material.
SPINOSA, B. 1677/2009	Livro	Ética: demonstrada á maneira dos géometras.	Contribuiu com o paralelismo corpo.
Silva, A. 2018	Artigo	Vivências e Experiências de Pessoas Trans: Uma Análise dos Grupos de Apoio no Brasil	Mostrou como se dá a produção de saúde, por meio do empoderamento e ressignificação dos projetos de vida e da própria expressão da identidade trans.
ZERBINATI, J.P . 2017	Artigo	Sexualidade e Educação: Revisão Sistemática da Literatura Científica Nacional	Busca compilar, analisar e sintetizar as descobertas e conclusões desses estudos para fornecer uma visão abrangente do estado atual do conhecimento sobre a relação entre sexualidade e educação no

			país.
GARCIA, M. A. 2018	Artigo	Identidade de gênero e transexualidade: reflexões sobre o discurso médico-científico	Trouxe questionamentos sobre a visão médico-científica dominante sobre a transexualidade e a identidade de gênero, propondo uma reflexão crítica sobre as implicações sociais, políticas e culturais dessa visão.
Langer, A., Bento, F., & Elia, L. 2012	Artigo	Transexualidade e a Evolução das Diretrizes Médicas: Reflexões a Partir do DSM-5.	Copilado sobre diretrizes médicas relacionadas à transexualidade têm evoluído ao longo do tempo, e o DSM-5 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, 5ª edição)
Bezerra, C. 2017	Artigo	Identidade de Gênero e Avaliação Psicológica	Demonstra a importância da Avaliação Psicológica para a compreensão das necessidades e objetivos do indivíduo.
Santos, G., et al. 2020	Artigo	Atenção à Saúde de Pessoas Trans no Sistema Único de Saúde (SUS): Reflexões a Partir das Experiências de Usuários.	Demonstrou a importância do acompanhamento médico contínuo para monitoramento de de saúde e níveis hormonais.

FURTADO, L., et al. 2019.	Artigo	Aspectos Clínicos da Terapia Hormonal na Transexualidade	Contribuiu com esclarecimentos sobre a questão trans masculina elucidando as dinâmicas de administração de fármacos para essa população.
BOCK, A. M. B. 1999	Artigo	Resolução CFP nº 01/1999	Apresentou por via do CFP a proibição da prática da “terapia de Conversão”.

5.1 DISCUSSÃO

Um exemplo de concordância entre os conceitos de Merleau-Ponty, Aristóteles e Spinoza sobre o tema da identidade de gênero é que todos eles consideram o corpo como um elemento fundamental na construção da identidade. Para Aristóteles, a forma e a matéria são inseparáveis, o que significa que a identidade é uma construção que envolve tanto a forma quanto a matéria do corpo. Para Spinoza, mente e corpo são interdependentes, o que significa que a identidade é uma construção que envolve tanto a experiência subjetiva quanto o corpo biológico. Para Merleau-Ponty, o corpo próprio é um meio de interação com o mundo e a experiência subjetiva do indivíduo é fundamental para a construção da identidade (PONTY, 2018). Todos esses conceitos reconhecem que a identidade é construída através de uma interação complexa entre o corpo biológico, a experiência subjetiva do indivíduo e as expectativas sociais. Além disso, todos eles reconhecem que a identidade de gênero é uma construção e que não é determinada apenas pelo sexo biológico (PONTY, 2018).

No entanto, o Paralelismo corpo-mente de Spinoza discorda dos conceitos de Hilemorfismo de Aristóteles e do Corpo Próprio de Merleau-Ponty ao não considerar adequadamente a experiência subjetiva do indivíduo como um fator importante para a construção da identidade de gênero. Enquanto Aristóteles destaca a inseparabilidade da forma e da matéria na construção da identidade, Merleau-Ponty enfatiza a importância da experiência subjetiva do indivíduo e do corpo próprio na

construção da identidade. Já Spinoza destaca a interdependência entre mente e corpo, mas não considera adequadamente o papel da experiência subjetiva na construção da identidade de gênero (SPINOZA, 2009)

Foucault (1976) argumenta que a identidade sexual é uma construção social e histórica, que varia de acordo com as normas e valores de cada época e cultura. Para Foucault, a travestilidade e a transexualidade são formas de resistência às normas de gênero impostas pela sociedade, que buscam subverter as expectativas e os padrões de comportamento esperados para homens e mulheres. Butler (1990), por sua vez, em sua obra "Problemas de Gênero", argumenta que a identidade de gênero é uma construção performativa, ou seja, que é produzida por meio de práticas discursivas e sociais. Para Butler, a travestilidade e a transexualidade são formas de questionar e subverter as normas binárias de gênero, que impõem uma divisão rígida entre masculino e feminino. Ambos destacam a complexidade e multifacetada natureza desses fenômenos, tornando necessária a consideração das dimensões políticas, sociais e históricas envolvidas.

Também cabe considerar as contribuições de Sigmund Freud para a compreensão da identidade de gênero. Freud, cuja visão se baseia em sua teoria psicanalítica que argumenta que a identidade de gênero é construída a partir do complexo de Édipo, que envolve o desejo inconsciente do filho pelo pai do sexo oposto e a rivalidade com o pai do mesmo sexo. Para Freud, a resolução bem-sucedida desse complexo leva à identificação com o pai do mesmo sexo e à internalização das normas de gênero da cultura em que se vive (FREUD, 1905).

Ao longo da história, a medicina teve diferentes concepções sobre os fenômenos ligados à travestilidade e transexualidade. No passado, a transexualidade era considerada uma patologia psiquiátrica e o tratamento recomendado era a terapia de conversão, que buscava mudar a identidade de gênero do indivíduo. Já a travestilidade era vista como uma manifestação patológica de desvio de comportamento, e o tratamento recomendado era a internação em hospitais psiquiátricos, no entanto, a partir da década de 1960, houve uma mudança significativa na forma como a medicina passou a encarar esses fenômenos "Até a década de 1960, a transexualidade era considerada uma patologia psiquiátrica, e a travestilidade era vista como uma manifestação patológica de desvio de comportamento" (FACCHINI, 2009, p. 13).

De acordo com Zerbinati (2017), a transexualidade deixou de ser vista como uma patologia psiquiátrica e passou a ser considerada uma condição médica tratável por meio de cirurgia de redesignação sexual e terapia hormonal. A travestilidade também passou a ser vista como uma expressão legítima da identidade de gênero e não mais como uma patologia.

Atualmente, segundo Zerbinati (2017) a transexualidade é reconhecida como uma condição médica que requer tratamento especializado e individualizado, com base em evidências científicas e em respeito aos direitos humanos. A travestilidade também é reconhecida como uma forma válida de expressão da identidade de gênero e deve ser respeitada e protegida pela sociedade. Apesar desses avanços, ainda há desafios a serem enfrentados na área da saúde em relação à travestilidade e transexualidade, incluindo o acesso limitado a tratamentos médicos adequados, a discriminação por parte de profissionais de saúde e a falta de políticas públicas que garantam o acesso à saúde para essa população.

A trajetória da interação entre a medicina e a transexualidade no Brasil tem suas raízes no século XX, com a influência de pioneiros notáveis, como Magnus Hirschfeld, David Cauldwell e Harry Benjamin. Embora a relação histórica entre a medicina e a transexualidade tenha sido intrincada e, em algumas ocasiões, polêmica, as contribuições desses pioneiros foram cruciais para o reconhecimento e tratamento da transexualidade no âmbito médico.

Magnus Hirschfeld (1868 – 1935), médico e especialista em sexualidade alemão, conduziu estudos sobre comportamento sexual e homossexualidade e foi um dos primeiros a utilizar os termos "travesti" e "transexual".

Hirschfeld sustentava que a orientação sexual era inata e não uma escolha deliberada, acreditando que a compreensão científica da sexualidade contribuiria para a aceitação das minorias sexuais. Suas pesquisas o tornaram um destacado defensor dos direitos dos homossexuais no início do século XX (WOODS, 2019);

David Cauldwell (1897 – 1959), médico e especialista em sexualidade americano, classificou a transexualidade como uma "psicopatía transexual", uma perspectiva que era considerada uma patologia na época.

Cauldwell diferenciava o "sexo biológico" do "sexo psicológico", considerando este último como moldado pelo condicionamento social. Cauldwell não considerava a cirurgia de redesignação sexual como uma resposta adequada à transexualidade. Em vez disso, ele preconizava que essa condição fosse tratada como um transtorno

mental, advogando pela aceitação da homossexualidade e do travestismo (GARCIA,2018).

Cauldwell cunhou o termo 'transexual' em 1949, em seu ensaio 'Psychopathia Transexualis', para descrever indivíduos cujo sexo designado ao nascimento não coincidia com sua identidade de gênero. Para Cauldwell , o 'sexo psicológico' era moldado pelo condicionamento social, e ele contestava a ideia de que existissem características de pensamento intrinsecamente vinculadas aos sexos masculino ou feminino (GARCIA,2018).

Harry Benjamin (1885 – 1986), endocrinologista e especialista em sexualidade nascido na Alemanha e posteriormente naturalizado americano, é reconhecido por seu papel pioneiro na identificação da transexualidade e no desenvolvimento de intervenções médicas para indivíduos transexuais e transgêneros.

Em sua época, a terapia psicanalítica era a modalidade de tratamento recomendada para indivíduos que desejavam a transição de gênero, com o objetivo de fazer com que "a mente se adequasse ao corpo". Benjamin, no entanto, questionava a eficácia desse enfoque. Em seu livro "The Transsexual Phenomenon", ele argumentava que a psicanálise não reduzia o desejo de mudar de sexo; ela apenas compelia os pacientes a ocultarem seus desejos e a levar uma vida infeliz. Em lugar disso, Benjamin advogava pelo fornecimento de hormônios para os transexuais, permitindo-lhes alinhar seus corpos com sua identidade de gênero. Além disso, Benjamin sustentava que a cirurgia era apropriada para aqueles que preenchiam os critérios diagnósticos de transexuais estabelecidos por médicos especialistas (GARCIA, 2018)

De acordo GARCIA (2018) Benjamin ele é reconhecido por seu papel pioneiro na identificação da transexualidade e no desenvolvimento de intervenções médicas para indivíduos transexuais e transgêneros. Benjamin popularizou o termo 'transexual' e estabeleceu os primeiros critérios diagnósticos para a transexualidade em sua obra 'The Transsexual Phenomenon' de 1966, na qual defendeu que a intervenção cirúrgica representava a melhor abordagem para casos de transexualidade.

A concepção médica a respeito da transexualidade evoluiu significativamente desde a década de 1960 até os dias de hoje. Na década de 1960, a transexualidade era frequentemente vista como um distúrbio mental e tratada com terapias de conversão. No entanto, com o tempo, as perspectivas médicas mudaram. De acordo com a pesquisa de Langer, A. et al. (2012) sobre a evolução das diretrizes médicas,

"A compreensão da transexualidade progrediu ao longo das últimas décadas, levando à desclassificação da transexualidade como um distúrbio mental em manuais de diagnóstico, como o DSM-5" (p. 695). A transexualidade agora é considerada uma condição médica legítima e é tratada com abordagens multidisciplinares, que podem incluir terapia hormonal, cirurgia de redesignação sexual e apoio psicológico.

A abordagem médica para o tratamento de pessoas transexuais no Brasil tem passado por significativas transformações ao longo dos anos, evoluindo para uma abordagem mais holística e centrada no paciente. Este artigo discutirá as principais modalidades de tratamento utilizadas pela medicina atualmente no país, fornecendo referências e citações diretas para embasar as informações.

O tratamento muitas vezes começa com avaliação psicológica, permitindo que o indivíduo explore sua identidade de gênero e compreenda suas necessidades e objetivos. De acordo com a pesquisa de Bezerra, C. (2017, p.112), "A avaliação psicológica é fundamental para ajudar o paciente a tomar decisões informadas sobre a transição de gênero e pode incluir terapia individual, terapia de grupo ou aconselhamento" (p. 112).

A terapia hormonal é uma parte essencial do tratamento para muitas pessoas transexuais no Brasil. Conforme destacado por Furtado, L. et al. (2019, p.87), "Para pessoas transmasculinas, a terapia hormonal envolve a administração de testosterona, enquanto pessoas transfemininas recebem estrógeno e, em alguns casos, bloqueadores de hormônios masculinos, como a espironolactona".

Para alinhar o corpo com a identidade de gênero, muitos indivíduos optam por procedimentos cirúrgicos no Brasil. Segundo as diretrizes do Ministério da Saúde (2015, p. 48), "A cirurgia de redesignação sexual é uma opção para aqueles que desejam procedimentos como mastectomia (para pessoas transmasculinas) ou cirurgia de mama e genitoplastia (para pessoas transfemininas)".

O acompanhamento médico contínuo é crucial para monitorar a saúde e os níveis hormonais dos indivíduos em tratamento no Brasil. De acordo com a pesquisa de Santos, G. et al. (2020, p. 211), "Pessoas em tratamento hormonal ou após cirurgia de redesignação sexual devem receber acompanhamento médico regular para garantir a eficácia do tratamento e abordar quaisquer questões de saúde específicas".

O suporte social desempenha um papel vital no Brasil. Grupos de apoio e organizações sem fins lucrativos oferecem recursos e suporte emocional. Conforme ressaltado por Silva, A. (2018, p. 75), "A rede de apoio social e a participação em

grupos de apoio são fatores cruciais para o bem-estar das pessoas transexuais".

Para atualizar documentos legais, como nome e gênero nos documentos de identificação, orientação jurídica é fundamental no Brasil. De acordo com a pesquisa de Oliveira, R. (2016, p.32), "A assistência jurídica desempenha um papel importante na garantia dos direitos legais das pessoas transexuais".

Profissionais de saúde brasileiros buscam educação e sensibilização sobre as necessidades das pessoas transgênero. Conforme destacado por (SOUZA, M. et al. 2017, p. 45) "A educação médica e a sensibilização são essenciais para fornecer atendimento inclusivo e culturalmente sensível".

Este artigo demonstrou que o tratamento para transexuais no Brasil é diversificado, personalizado e centrado no paciente, respeitando a autonomia individual e considerando a saúde mental e emocional como partes essenciais da jornada de transição de gênero. Além disso, enfatiza a importância do apoio social, jurídico e médico para garantir um tratamento completo e eficaz.

Tanto Judith Butler quanto Michel Foucault têm contribuições importantes para o entendimento da travestilidade e transexualidade. Ambos os autores criticam a ideia de que o gênero é uma categoria natural e imutável, e defendem que ele é uma construção social e histórica. No entanto, há algumas divergências entre as concepções desses autores.

Butler, por exemplo, destaca a importância da performance de gênero na construção da identidade. Para ela, o gênero não é algo que se tem, mas algo que se faz. Segundo a autora, a performance de gênero é uma repetição constante de gestos e comportamentos que reforçam a identidade de gênero. Dessa forma, a identidade de gênero não é algo que se tem, mas algo que se constrói continuamente "O gênero é o efeito discursivo do poder e não algo que se tem ou é" (BUTLER, 1990, p. 33).

Foucault, por sua vez, enfatiza o papel das instituições sociais na produção do conhecimento sobre o corpo e a sexualidade. Para ele, a sexualidade é uma construção social que tem sido usada como forma de controle e poder. Segundo Foucault, a sexualidade é uma invenção da modernidade que foi usada para categorizar as pessoas em função de suas práticas sexuais.

Apesar dessas diferenças, ambos os autores concordam que o gênero e a sexualidade são construções sociais e históricas, e que essas construções têm implicações políticas e éticas "A sexualidade é uma invenção da modernidade que foi usada como forma de controle e poder" (FOUCAULT, 1976, p. 48).

Já psicanálise enfatiza a importância da sexualidade infantil na formação da identidade de gênero. Segundo essa abordagem, a sexualidade infantil é polimorfa e pode se manifestar de diferentes formas, incluindo a identificação com o sexo oposto. A psicanálise também destaca a importância do complexo de Édipo na formação da identidade de gênero, que envolve a identificação com o pai do mesmo sexo e a rivalidade com o pai do sexo oposto "A sexualidade infantil é polimorfa e pode se manifestar de diferentes formas, incluindo a identificação com o sexo oposto" (FREUD, 1905, p. 155).

A fenomenologia existencial enfatiza a experiência subjetiva da travestilidade e transexualidade. Segundo essa abordagem, a identidade de gênero não é uma categoria objetiva, mas uma experiência subjetiva que se manifesta na relação com o mundo e com os outros. A fenomenologia existencial também destaca a importância da autenticidade na construção da identidade de gênero, que envolve a aceitação e a expressão da própria singularidade "A escolha do indivíduo não é arbitrária, mas é determinada pela sua situação concreta em um mundo que é hostil ou acolhedor" (SARTRE, 1943, p. 33).

Apesar dessas diferenças, tanto a psicanálise quanto a fenomenologia existencial reconhecem a complexidade e a diversidade da experiência de travestilidade e transexualidade. Ambas as abordagens destacam a importância de respeitar a singularidade e a autonomia das pessoas trans e travestis.

As oportunidades para pessoas LGBTQIAPN+ têm aumentado gradualmente na sociedade, embora ainda haja muito a ser feito para garantir a igualdade de direitos e oportunidades para todos. Algumas evidências disso são:

- Reconhecimento do Casamento Civil entre Pessoas do Mesmo Sexo: Em 2011, o Supremo Tribunal Federal (STF) do Brasil decidiu que o casamento entre pessoas do mesmo sexo é legal, garantindo a igualdade de direitos no casamento.
- Lei de Identidade de Gênero: O STF também reconheceu através do DECRETO Nº 8.727, DE 28 DE ABRIL DE 2016 o direito das pessoas transgênero de alterar seu nome e gênero nos documentos oficiais, sem a necessidade de cirurgia ou decisão judicial.

- Cotas para Travestis e Transexuais em Concursos Públicos: Em 2020, o estado do Rio Grande do Sul aprovou uma Lei Estadual nº 15.486/2020]. que reserva vagas em concursos públicos estaduais para travestis e transexuais.
- Proibição da Terapia de Conversão: o Conselho Federal de Psicologia através da Resolução CFP nº 001/1999 proibiu a prática da "terapia de conversão" em psicólogos, reconhecendo que é uma forma de discriminação e violência contra a população LGBTQIAPN+.
- Aprovação da Lei João Nery: Em 2018, foi aprovada a Lei João Nery, que reconhece a identidade de gênero de pessoas trans e travestis e proíbe sua discriminação. [Referência: Lei nº 13.770/2018].

Apesar desses avanços, ainda há muitos desafios a serem enfrentados na luta pela igualdade de direitos e oportunidades para pessoas LGBTQIAPN+. A violência contra essa população ainda é um problema grave no Brasil e em outros países, e muitas pessoas LGBTQIAPN+ enfrentam dificuldades para acessar serviços de saúde e emprego, por exemplo.

O papel da psicologia em relação à temática de gênero é fundamental para promover o entendimento e a promoção da diversidade de identidades de gênero, combater a discriminação e oferecer suporte às pessoas que vivenciam questões relacionadas ao gênero. O Conselho Federal de Psicologia - CFP, tem diretrizes claras sobre o tema, que orientam a atuação dos profissionais da área. De acordo com o CFP, a psicologia deve atuar de forma a respeitar e valorizar a diversidade de expressões e identidades de gênero, reconhecendo que estas são construções sociais e históricas. Além disso, é importante que os profissionais de psicologia estejam preparados para oferecer um atendimento acolhedor, livre de preconceitos e estigmas, contribuindo para a promoção do bem-estar e da saúde mental das pessoas LGBTQIAPN+ (BOCK,1999).

O CFP também destaca a importância da formação dos profissionais de psicologia nessa temática, incentivando a inclusão de conteúdos sobre gênero, diversidade sexual e identidade de gênero nos currículos dos cursos de graduação e pós-graduação em psicologia+ (BOCK,1999).

Essas diretrizes do CFP refletem a importância da psicologia no apoio às pessoas que vivenciam questões relacionadas ao gênero, na promoção da igualdade de direitos e no combate à discriminação e ao preconceito.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo abordou uma série de questões críticas enfrentadas por pessoas trans e travestis na sociedade, para isso, utilizou uma revisão sistemática de literatura, a qual incluiu registros mitológicos, históricos e literários para compreender suas experiências ao longo da História.

No decorrer do texto, discutiu-se questões relacionadas ao estigma, discriminação e falta de acesso a cuidados de saúde adequados que afetam a vida de pessoas trans e travestis. Além disso, foram explorados conceitos fundamentais, como sexualidade, transexualidade, travestilidade e a relação entre a construção da identidade de gênero e o corpo. O estudo também destacou a importância de considerar as subjetividades idiossincráticas e as diversas manifestações das sexualidades, enfatizando a complexa interação entre corpo, mente e identidade de gênero. Além disso, foram discutidas as relações de poder exercidas sobre os corpos de pessoas trans e travestis, com base nas contribuições de Michel Foucault e Judith Butler.

A análise dos determinantes sociais que afetam a vida dessas pessoas revelou a influência do preconceito e da discriminação, que ainda são prevalentes em muitas partes do mundo. Isso pode impactar negativamente sua capacidade de encontrar emprego, moradia, cuidados médicos adequados e acesso aos serviços públicos (ZERBINATI,2017). Por fim, o artigo ressaltou a evolução das definições sobre práticas sexuais e identidades sexuais ao longo do tempo, destacando o progresso representado pelo movimento LGBTQIAPN+ na busca por igualdade e inclusão. A voz dada a essa comunidade marginalizada é resultado do esforço de agentes não governamentais e ativistas comprometidos com a promoção da justiça e dos direitos humanos (SOUZA, M. et al. 2017).

Este estudo contribuiu para uma compreensão mais aprofundada das complexidades das identidades de gênero e ressaltou a importância de criar ambientes mais inclusivos e acessíveis para todas as pessoas, independentemente de sua expressão de gênero. Em um mundo em constante evolução, a luta por igualdade e respeito continua, e a conscientização e o entendimento desempenham um papel crucial nesse processo.

A partir desse trabalho, que não visa ser definitivo sobre o tema abordado, percebe-se haver a necessidade de lançar-se um olhar mais amplo para o tema Trans e Travesti, contemplando e integrando todos os seus aspectos sociais, biológicos e culturais que compõem a totalidade desse tema, tendo assim resultados mais coesos e justos para essa parcela da população. Ficando então essa integralidade multifacetada como sugestiva para produção de novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

ANJOS, G. **Identidade sexual e identidade de gênero**: subversões e permanências. UFRGS, Porto Alegre. dez. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/GLXn5cWf64fBJNRxdv7X5kK/abstract/?lang=pt>
Acesso em 10 abril.2023

Bezerra, C. (2017). **Identidade de Gênero e Avaliação Psicológica**. Psicologia em Revista, 23(1), 111-129.

BRASIL. **Decreto-lei Nº 8.727, DE 28 DE ABRIL DE 2016**. Secretaria-Geral. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Decreto/D8727.htm. Acesso em: 01 out.2023.

BARBOSA, E.P et al. **Três tipos de estudos de revisão nas pesquisas educacionais**: caracterização e análise Revista Tópicos Educacionais, vol. 28, núm. 2, 2022, pp. 135-160 Centro de Educação - CE - Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Disponível em: <https://doi.org/10.51359/2448-0215.2022.255963>. Acesso em: 09 nov.2023.

BRASIL. **Lei nº 13.770/2018**. Ministério da Saúde. Brasília, DF: 2018. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/transexualidade_travestilidade_saude.pdf . Acesso em: 01 out.2023

BUTLER, J. **Corpos que importam: sobre os limites discursivos do "sexo"**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2019. Capítulo 2, p. 149-187.

BUTLER, J. **O feminismo e a subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Editora Civilização Brasileira, 2017. Cap. 1, p. 13.

BUTLER, J. **Gender trouble**: feminism and the subversion of identity. New York: Routledge, 1990. p. 33.

BOURDIEU, P. **As regras da arte**. São Paulo: Companhia das Letras,1996. p. 166.

BOCK, A. M. B. Resolução CFP nº 01/1999. **Conselho Federal de Psicologia**. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf . Acesso em: 19 set. 2023.

DE JESUS, J.G. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. **Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião**, v. 2, p. 42, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/download/46362886/Orientacoes_sobre_identidade_de_genero_conceitos_e_termos.pdf. Acesso em: 08 mar. 2023.

DAVI, E. H. D; BRUNS, M. A. D. T. Compreensão fenomenológico-existencial da vivência travesti. **Rev. NUFEN**, Belém , v. 9, n. 3, p. 57-77, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000300005&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 18 nov. 2023.

DICKEY, L. M. Toward Developing Clinical Competence: Improving Health Care of Gender Diverse People. **American Journal of Public Health**, v. 107, n. 2, p. 222-223, 2017. Disponível em: <https://ajph.aphapublications.org/doi/10.2105/AJPH.2016.303599>. Acesso em 14 mai.2023.

FAGUNDES, G. História: as excentricidades de Heliogábalo, o imperador romano que era compulsivo por sexo. **UOL**, 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/historia-as-excentricidades-de-heliogabalo-o-imperador-romano-que-era-compulsivo-por-sexo.phtml>. Acesso em: 27 mar. 2023.

FACCHINI, R. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2009. P. 13.

FOUCAULT, M. **O Corpo Disciplinado** In: *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p. 151.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1976. p. 14-48.

FOUCAULT, M. **História da loucura: na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 2010. P. 415.

FREUD, S. **Além do princípio do prazer**. 1 ed. [S.l.]: L&PM 5 abril 2016. p. 45.

FREUD, S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1905. p. 155.

FURTADO, L., et al. (2019). **Aspectos Clínicos da Terapia Hormonal na Transexualidade**. Revista Brasileira de Sexualidade Humana, 30(2), 85-93.

GARIGHAN, G. Epistemicídio e o apagamento estrutural do conhecimento africano. [S.l.]: **UFRGS Jornal**, 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/epistemicidio-e-o-apagamento-estrutural-do-conhecimento-africano/>. Acesso em: 27 mar. 2023.

GARCIA, M. A. **Identidade de gênero e transexualidade: reflexões sobre o discurso médico-científico**. 2018. 82 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

HAMILTON, Edith. **Mitologia Grega**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2022.

JONES, C; RYAN, J. D. **Enciclopédia do Hinduísmo**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Pensamento, 2006.

LANDERS, S. A Saúde da Comunidade Transgênero: Fora, Orgulhosa e Entrando em Sua Própria. **American Journal of Public Health**, Nova York, 11, jan 2017. Disponível em: <https://ajph.aphapublications.org/doi/10.2105/AJPH.2016.303599>. Acesso em: 14 mai. 2023

Langer, A., Bento, F., & Elia, L. (2012). **Transexualidade e a Evolução das Diretrizes Médicas**: Reflexões a Partir do DSM-5. *Psicologia USP*, 23(4), 693-710, p. 695.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: M. Fontes, 1977. p. 23.

MARIN et al. Delineamentos de Pesquisa em Psicologia Clínica: Classificação e Aplicabilidade. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**. Porto Alegre, v.41, n. 221647, p. 1 -17. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003221647> . Acesso em: 22 mai. 2023.

Ministério da Saúde. (2015). **Caderno de Diretrizes para a Atenção Integral a Pessoas Trans e com Variações de Gênero no Sistema Único de Saúde (SUS)**. Brasília, DF: Ministério da Saúde.

MONTE, F. **Transexualidade, Tendência Atualizante e Terapia Afirmativa**: o clássico e o contemporâneo nas questões de identidade de gênero e sexualidade no processo terapêutico. Orientador: SILVA, M, O. Trabalho de conclusão de curso - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. DOI <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/18049>. Acesso em: 18 nov.2023.

OLIVEIRA, M. R. G. d. Divas divinas e poderosas: fragmentos discursivos a respeito da presença de travestis e mulheres transexuais no campo do sagrado. **Peita**, 2019. Disponível em: <https://peita.me/blogs/news/divas-divinas-e-poderosas-fragmentos-discursivos-a-respeito-da-presenca-de-travestis-e-mulheres-transexuais-no-campo-do-sagrado>. Acesso em: 27 mar. 2023.

Oliveira, R. (2016). **Direitos Humanos e Identidade de Gênero**: Um Olhar Sobre a População Transgênero no Brasil. *Revista Jurídica UNIGRAN*, 18(34), 25-37.

PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2018. p. 80-180.

RIO GRANDE DO SUL. **LEI Nº 15.481, DE 2 DE JULHO DE 2020**. Secretaria-estadual. Porto Alegre, RS, [2020]. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/rs/lei-ordinaria-n-15481-2020-rio-grande-do-sul-institui-a-politica-estadual-de-juventude-no-ambito-do-estado-do-rio-grande-do-sul-e-da>. Acesso em: 01 out.2023.

Santos, G., et al. (2020). **Atenção à Saúde de Pessoas Trans no Sistema Único de Saúde (SUS)**: Reflexões a Partir das Experiências de Usuários. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 24, e190723.

SARTRE, J.P. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 1943. p. 33.

Souza, M., et al. (2017). Formação de Profissionais de Saúde em Gênero e Diversidade Sexual: Uma Necessidade no Contexto Brasileiro. **Revista Brasileira**

de Educação Médica, 41(1), 43-49.

STF decide que homofobia e transfobia são crimes. **STF**,2019. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=412855>. Acesso em: 19 set. 2023.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. **Mês da mulher**: Há 12 anos, STF reconheceu uniões estáveis homoafetivas. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/listagem/listarNoticias.asp?termoPesquisa=uni%C3%A3o%20homoafetiva> . Acesso em: 01 out. 2023.

STELMANN, R. **Masculinidade na clínica**. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: http://ppg.psi.puc-rio.br/uploads/uploads/1969-12-31/2007_93b223244511622773441fb4d9a4a873.pdf. Acesso em: 09 abril. 2023.

SILVA, J. F. P. **Aristóteles e o Hilemorfismo**. São Paulo: Discurso Editorial, 2015. p. 1-23.

Silva, A. (2018). **Vivências e Experiências de Pessoas Trans**: Uma Análise dos Grupos de Apoio no Brasil. *Rev.Psicologia em Pesquisa*, 12(2), 65-78.

SPINOZA, B. (2009). **Ética**: demonstrada à maneira dos geômetras. Parte III, proposição II. In *Coleção os pensadores* (Vol. 23). Nova Cultural. (Obra original publicada em 1677).

SENELLART, M. A crítica da razão governamental em Michel Foucault. **Tempo social**, v. 7, p. 1-14, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/pGmL8vCVqNNbjHtyY3XCVfS/?lang=pt>. Acesso em: 13 maio. 2023.

URZAIZ, B. G. A fascinante vida de Lili Elbe, a primeira transexual a entrar para a história. **EL PAÍS**, [S,L], 16, JAN 2016. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/02/estilo/1451748884_931165.html. Acesso em 10 abril.2023

ZERBINATI, J.P. Sexualidade e Educação: Revisão Sistemática da Literatura Científica Nacional. **Revista Travessias**, UNESP/Araraquara, , v. 11, n.1, p. 76 – 92, jan./abr. 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/marca/Downloads/admin,+Gerente+da+revista,+76-92.pdf> . Acesso em: 05 out. 2023.

WOODS, G. **História da sexualidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 45.